

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 36

2019

Nº 225

MARÇO - ABRIL

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão:	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 2-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217 647 441	Editorial	2
	Palavras de Kardec	4
	A Misteriosa Cripta da P. H.	6
	Hora de agradecer	8
	Incenso Espiritual	11
	O poder da Oração	13
	As leis morais do Espiritismo	16
	Procura Tempo	29
	O Calvário	30
	Mais uma Páscoa	31
	Contraste	36
Distribuição Gratuita		

*

*

EDITORIAL

E cá estamos nós, com mais dois meses vencidos e tentando seguir em frente – sempre em frente – levando aos nossos leitores umas páginas de conhecimento, pesquisa e Doutrina Espírita.

E por falar em Doutrina Espírita, veio-nos à mente a reacção de algumas pessoas quando abrimos a Casa onde actualmente nos encontramos e a forma como, agrupadas ao lado da nossa porta, comentavam o “Centro Espírita” ali instalado. Lembramo-nos de ouvirmos alguém a dizer: “então eu vou permitir uma Casa destas no meu prédio? Isto não pode ser!”

Reacções como esta, afinal, apenas falam do desconhecimento do que é uma Casa espírita, e de como toda uma zona e não só o prédio onde esteja instalada, é beneficiada com a sua instalação – aliás, o mesmo que acontece quando se faz regularmente o Evangelho no lar, que beneficia não só quem o faz como os restantes moradores do prédio onde se realize e a própria rua: é que as vibrações de paz, luz e equilíbrio que atraímos com estas realizações levam o bem-estar a todos e não apenas a quem o pratica... e assim já o deve ter sentido a pessoa que acima referimos no seu “desabafo” único: não voltámos a ouvi-la, existe respeito, e uns e outros vão parando não só para lerem o horário de funcionamento como para verem os títulos dos livros expostos na montra que as nossas instalações possuem – e que aproveitámos, claro!

Deste comportamento, desta reacção, fica-nos uma certeza: quando todos se debruçam, mais tarde ou mais cedo, sobre o que é a Doutrina Espírita e o seu conhecimento, perceberão que, afinal,

ela é apenas um manancial de paz e equilíbrio, porque o seu ensinamento esclarece-nos sobre o comportamento que devemos ter uns com os outros e conosco mesmo, e a prática e melhoria do mesmo dará a cada um a paz que tantas vezes se procura em caminhos esconsos quando, afinal, ela está apenas em nós, na nossa maneira de agirmos e no relacionamento que formos tendo uns com os outros.

Concluindo: a recomendação de Jesus de “**Amem-se uns aos outros como eu vos amei**” não foram apenas palavras de ocasião: postas em prática, verificamos que a tolerância, a compreensão, a entre-ajuda, conseguem que criemos a paz onde, anteriormente, apenas incompreensão e desarmonia era manifestada.

O segundo Mandamento da Lei de Deus, vivenciado por cada um, torna possível a harmonia – base da paz em qualquer um e nas próprias nações entre si.

Então, façamos isso mesmo: Amemo-nos uns aos outros!

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

Golpe de Vista Retrospectivo

O Sr. Jacob mantêm-se sempre afastado de maneira absoluta. Ignoramos os motivos de sua abstenção e se deve ou não retomar o curso de suas sessões. Se há intermitência em sua faculdade, como acontece muitas vezes em casos semelhantes, seria uma prova de que ela não se deve exclusivamente à sua pessoa, e que fora do indivíduo existe alguma coisa, uma vontade independente.

Mas, dirão, por que esta suspensão, uma vez que a produção de tais fenómenos era vantajosa para a Doutrina? Tendo as coisas, até aqui, sido conduzidas com uma sabedoria que não é desmentida, é de supor que os que dirigem o movimento julgaram o efeito suficiente neste momento, e que seria útil interromper a efervescência. Mas a ideia foi lançada e pode-se estar certo de que não ficará no estado de letra morta.

Em suma, como se vê, o ano foi bom para o Espiritismo; suas falanges recrutaram homens sérios, cuja opinião é tida por alguma coisa num certo mundo. Nossa correspondência nos assinala quase por toda a parte um movimento geral de opinião por essas ideias e, coisa bizarra, neste século positivo, as que ganham mais terreno são as ideias filosóficas, muito mais que os factos materiais de manifestação, que muitas pessoas ainda se obstinam em rejeitar. Assim, perante o maior número, o melhor meio de fazer proselitismo é começar pela filosofia, o que é compreensível. Sendo as ideias fundamentais latentes na maioria, basta despertá-las.

Compreendem-nas porque possuem em si os seus germes, enquanto os factos, para serem aceites e compreendidos, demandam estudo e observações que muitos não querem dar-se ao trabalho de fazer.

Depois, o charlatanismo, que se apoderou dos factos para os explorar em seu proveito, desacreditou-os na opinião de certas pessoas, dando margem à crítica. Não se daria o mesmo com a filosofia, que não era tão fácil de contrafazer, e que, aliás, não se presta à exploração.

Por sua natureza, o charlatanismo é turbulento e intrigante, sem o que não seria charlatanismo. A crítica, que geralmente pouco se preocupa em ir ao fundo do poço buscar a verdade, viu o charlatanismo alardear-se e esforçou-se para o vincular à etiqueta do Espiritismo. Daí, contra esta palavra, uma prevenção que se apaga à medida que o verdadeiro Espiritismo é mais bem conhecido, porque ninguém que o tenha estudado seriamente o confundirá com o Espiritismo grotesco de fantasia, que a negligência ou a malevolência procuram substituir. É uma reacção neste sentido que se manifestou nestes últimos tempos.

(Continua no próximo número)

(In REVISTA ESPÍRITA, Janeiro de 1868, 1º Capítulo, ed. FEB/FEP-2018).

A MISTERIOSA CRIPTA DA

PERSONALIDADE HUMANA

Nossa vida mental não está fundamentada apenas nos cinco sentidos.

“A nossa personalidade é um fulcro de forças vivas, emitindo raios espirituais em todas as direcções. Cada qual fornece elementos do reservatório de energias guardado no próprio coração.” – EMMANUEL¹

Lembra-nos Emmanuel¹: “O Espiritismo esclarece que o homem é senhor de um património mais vasto, consolidado nas suas experiências doutras vidas, provando que o legítimo fundamento da vida mental não reside, de maneira absoluta, na contribuição dos sentidos corporais, mas também nas recordações latentes do passado reencarnatório, das quais os fenómenos da inteligência prematura, na Terra, são os testemunhos mais eloquentes.”

Logicamente, tal raciocínio leva-nos a concluir que a nossa vida mental não está fundamentada única e exclusivamente em nossos cinco sentidos apenas...

Enquanto a Ciência continuar arrastando-se no âmbito estreito da matéria tangível e visível, o homem estará procrastinando a solução das questões transcendentais e jamais atingirá o estuário da verdade integral, permanecendo os factores causais submersos nas abissais profundezas do ignoto, ergastulados em misteriosa e inescrutável cripta.

O Espiritismo exercerá singular e relevante papel no concerto das ciências. À Luz da novel Doutrina dos Espíritos todas

as demais – vetustas – se inclinarão, e as até então – inexpugnáveis barreiras erguidas pela obtusidade humana ruirão fragorosamente, sepultando os sofismas com os seculares escolhos da ignorância na vala comum das inutilidades.

Portanto, somente com o auxílio do Espiritismo, poderá o homem devassar a escura cripta da personalidade humana, trazendo à luz peregrina da razão os factores subjacentes, até então invisíveis, mas nem por isso, menos significativos e actuantes.

O homem compreenderá, então, que a sede da inteligência humana não se encontra nos complexos nervosos e glandulares do corpo somático perecível, mas no Espírito Imortal. A criatura humana não ficará perdida nos meandros de análises superficiais que consideram apenas os efeitos sem investigar ou ter acesso às causas, “*confeitando*” as estéreis elucubrações com nomenclaturas intraduzíveis que nada definem nem concluem, enquanto jazem ignoradas as realidades profundas do Espírito.

Jesus, o maior Psicólogo de que se tem notícia, conhecendo a riqueza acumulada pelos séculos de experiências palingenésicas, no que o homem define hoje como o “*inconsciente*”, sabia que a personalidade é um cosmo de forças vivas e cada criatura emitirá ao seu redor o conteúdo desse ancestral acervo, “*falando a boca do que está cheio o coração*”², emitindo os raios espirituais guardados no reservatório pessoal, que, em última análise, desenham o perfil das mais íntimas anfractuosidades da Alma à semelhança de uma “*impressão digital*” da personalidade viva e explícita.

1 – XAVIER, F. Cândido. *O Consolador*, 23ª ed. Rio (de Janeiro), FEB, 2001, questões 42 a 53.

2 – Mt., 15:18.

ROGÉRIO COELHO
(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

HORA DE AGRADECER...

Mais um ano se escoou na ampulheta do Tempo, um ano terrestre, de experiências quase sempre amargas para os milhões de habitantes do planeta. Ano Novo, Ano Bom, que nos traz reflexões... que nos lembra que é chegada a hora de agradecer, que é preciso agradecer...

Agradecemos, pois (no dealbar de 1980), as coisas boas que obtivemos, a realização de sonhos, às vezes acalentados há muito, a saúde com que atravessamos, bem ou mal, o ano que se vai; a fé que nos aqueceu o coração, os gestos de amor e fraternidade que tivemos, usando bem o livre arbítrio, as conquistas no campo das nossas actividades de cada hora, no trabalho, na vida social, no lar, na religião.

Agradeçamos o inverno diferente, o verão menos intenso, a primavera dos sonhos e do amor; a companheira ou companheiro que correspondeu aos anseios de nossa Alma; os filhos e netos que nos ofertaram o encanto de sua inocência, seu carinho e seus afagos; os amigos que nos animaram no desespero, nos alegraram na tristeza, cooperaram connosco na dificuldade, partilhando-nos os momentos de alegria, de contentamento, de desalento ou dor.

É tempo de agradecer aos médicos que restauraram nossa saúde, aos engenheiros que construíram estradas, permitindo-nos vencer mais depressa as distâncias; aos advogados que fizeram leis sábias e mais humanas, regulando melhor as relações sociais, de trabalho, de convivência na comunidade; aos que produziram bens de consumo, trabalhando na indústria, aos que labutaram no comércio, distribuindo a riqueza; aos agricultores, grandes e pequenos, que fizeram brotar da terra boa e amiga os frutos da abundância.

É hora de agradecer aos estadistas que evitaram guerras, que foram hábeis em defender, pacificamente, os direitos das Nações e dos povos, grandes ou pequenos; aos que escreveram bons livros e aos que os distribuíram, fazendo o povo pensar; aos artistas que pintaram belos quadros, aos músicos que nos deliciaram os ouvidos com suas melodias encantadoras, aos poetas que nos fizeram sonhar, recordando a infância, a juventude ardorosa, a velhice sadia e serena, os momentos bons da vida.

É tempo de agradecer às flores o perfume e sua beleza divina, ao trigo o pão nosso de cada dia; os legumes que comemos, os alimentos que nos fartaram o apetite e muitas vezes até a gula; à vaca, o leite saboroso, milagre da Natureza; a chuva, que fecunda a terra; o sol que nos aquece e faz germinar as sementes, que se transformaram em frutos.

É preciso agradecer as oportunidades de trabalho, as horas de descanso, os dias de vitória e mesmo os de derrota, com seus ensinamentos, que nem sempre percebemos ou aproveitamos.

É o momento de agradecer a tudo quanto nos sirva na vida, em qualquer momento dela: a roupa que vestimos, a água que nos permite o banho de asseio e prazer; os omnibus e carros que nos

transportam, os móveis que nos facilitam trabalhar, descansar, enfim, viver. Ao servente que limpa e arruma, todo dia, nosso escritório, nosso lar, a rua da nossa cidade.

É hora de agradecer ao hospital que nos acolheu na hora triste da doença, à escola que ilumina nosso cérebro, aumentando-nos o conhecimento; a oficina de trabalho que permite ganharmos o salário honesto com que provemos nossas necessidades.

É oportuno agradecer o dinheiro, possuí-lo sem que nos possua, porque o dinheiro, como ensina Bezerra de Menezes, “não é luz, mas sustenta a lâmpada; não é a paz, no entanto é um companheiro para que se possa obtê-la; não é calor, contudo, adquire agasalho; não é o poder da fé, mas alimenta a esperança; não é o amor, entretanto, é capaz de erguer-se por valioso ingrediente, na protecção afectiva; não é cultura, mas apoia o livro, não é a base da cura, no entanto, favorece a aquisição do remédio.” É tempo de olhar para trás, colher os ensinamentos e seguir adiante, por que a estagnação é a morte, o grande mal a evitar.

É tempo de agradecer... aos Espíritos maus as provas pelas quais nos fizeram passar, fortalecendo-nos a ALMA com a provação e nos permitindo vencer a indiferença, a incredulidade, o orgulho, o egoísmo; aos bons Espíritos a assistência constante e os sábios conselhos.

É hora de agradecer ao Espiritismo as luzes benditas do esclarecimento maior, que abre clareiras novas à devolução espiritual; é hora de agradecer a Jesus, a protecção segura e a DEUS, o Pai amoroso e bom, o menor sopro de vida orgânica e a vida eterna do Espírito, de que somos detentores, o facto, simples e fundamental, de aqui estarmos, de sermos, de existirmos NELE.

PEDRO FRANCO BARBOSA

(In: Revista Portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, de Fevereiro de 1980, num momento de pesquisa...).

*

INCENSO ESPIRITUAL

Procurei-Te, desarvorado e triste, pelas terras distantes, em loucas aventuras com os outros, sem conseguir encontrar-Te.

Onde chegava a minha ansiedade, deparava-me com as marcas dos Teus pés no chão.

Penetrei-me com as lâminas de angústia, dilacerando todas as minhas ambições, em vãs tentativas de descobrir-Te.

Exauri-me, sem resultado feliz e detive-me caído...

Defrontei, um dia, duas estrelas cujo brilho se apagava nos olhos de uma criança abandonada e amei-a. A sua voz sem palavra e a música da sua necessidade, fizeram-me encontrar nós três – o próximo, a mim e a Ti, Soberano Senhor da minha vida.

Não cesses de cantar, brisa ligeira, que passeias pelo vale, nem interrompas o teu curso de água transparente do regato.

Toda essa musicalidade que embala a Natureza faz-se a partitura para que o Cantor destrave a voz da Sua garganta e inunde

o mundo de harmonias. Levanta a cinza da amargura que teima por anular o fogo da esperança que crepita do teu coração.

Sopra o ar da alegria de viver e expulsa o pó dos desencantos, que te ameaçam cobrir a trilha por onde jornadaeias. Sorve a linfa da coragem e esparge os fluídos do mar.

Não te importes com o tropel alucinado, que vai adiante, sem rumo, nem com os tristes que se cadaverizam nos dédalos da indiferença. É necessário romper com as tentações e anular os sinais da dor, para que descubras a vida e fruas a honra de ser o amor da Ventura Perfeita, que te vem buscando através da esteira dos séculos já passados.

Faz-te semente. Torna-te rosa. Transforma-te em trigo. O que te suceda, é para a glória da Vida. Cala a reclamação e exalta o sacrifício. Morrendo, a semente faz-te vergel, a rosa deixa embalsamado o ar e o trigo ressurgue em pão.

Não te negues a felicidade de ser desde hoje o amanhã feliz.

R. TAGORE

(Psicografia do médium brasileiro Divaldo P. Franco. Texto transcrito da revista portuguesa ora extinta, Estudos Psíquicos, de Janeiro/Fevereiro de 1983).

O PODER DA ORAÇÃO

A influência da oração sobre o espírito e o corpo humano é tão facilmente demonstrável como a secreção das glândulas. Os seus resultados medem-se por um crescimento der energia física, vigor intelectual, força moral e uma compreensão mais profunda das realidades fundamentais.

Marca com um selo indelével as nossas acções e a nossa atitude. Certa tranquilidade de porte, certo repouso do rosto e do corpo são apanágio daqueles cuja vida assim se enriquece.

Nas profundidades do consciente, uma chama se acende. E o homem vê-se tal qual é. Descobre o seu egoísmo, o seu orgulho estúpido, os seus temores, cupidezes e erros. Desenvolve em si o sentido das obrigações morais e a humanidade intelectual.

Assim começa a migração da alma para o reino da graça.

Orando, unimo-nos à inesgotável Força motriz que faz girar a Terra. Pedimos que uma parte dessa incomensurável força motriz seja destinada às nossas necessidades.

No entanto, nunca devemos invocar Deus apenas para obter a gratificação dos nossos caprichos.

Não é servindo-nos da oração como de uma petição, que retiraremos dela mais poder, mas suplicando a Deus que nos torne semelhantes a Ele.

A oração deveria ser considerada como um tirocínio da presença de Deus.

*

Um aldeão estava sentado sozinho no último banco da Igreja.

- Esperas alguém? – perguntaram-lhe.

- Não – respondeu.

- Então, que fazes?

- Olho para Ele e Ele olha para mim.

O homem não ora apenas para que Deus se lembre dele, mas também para ele se lembrar de Deus.

*

Como definir a oração? A oração é o reforço que o homem faz para subir até Deus, e comunicar com um ser invisível, criador de todas as coisas, suprema sabedoria, verdade, força e beleza, Pai e Salvador de todos os homens.

É impossível orar, um instante que seja, sem obter bom resultado. “Nenhum homem orou jamais sem aprender alguma coisa”, disse Emerson. Pode-se orar em toda a parte: na rua, no comboio, no escritório, na loja, na escola, do mesmo modo que na solidão do quarto ou entre a multidão reunida na Igreja.

“Pensa em Deus mais vezes do que respiras”, disse Epicteto, o estóico. É quando se torna um hábito, que a oração tempera realmente o carácter.

Orar de manhã e viver o resto do dia como um pagão, é um contracenso.

A oração verdadeira é uma maneira de viver; a vida mais verdadeira é literalmente uma maneira de orar.

Hoje mais que nunca, a oração é imperiosamente necessária na vida dos homens e das nações. A falta de insistência no sentido religioso conduziu o mundo a dois dedos de ruína.

A nossa fonte de força e perfeição mais profunda desenvolveu-se lastimosamente.

A alma desprezada do homem deve reassumir suficiente vigor para se afirmar de novo.

Se o poder desencadeado da oração retomar a sua livre expansão entre o comum dos homens, persistirá viva a esperança de que as nossas orações, em vista de um mundo melhor, serão exaltadas.

ALEXIS CARREL

(In: Jornal de Genève, 5/5/1941 e Revista Portuguesa Estudos Psíquicos de Maio/Junho de 1984).

AS LEIS MORAIS DO ESPIRITISMO

A Lei divina ou Natural

Começaremos pela Lei Natural ou divina – por ter sido instituída por Deus -, e que abrange toda a criação, desde o infusório até ao homem. A lei natural domina-nos inteiramente e, por muita legislação que o homem invente, a fim de se reger nas sociedades organizadas, nada prevalecerá contra a índole dos povos que, já de si, possuem o sentido de tudo quanto é natural e que se encontra nas suas próprias características.

A Lei Natural indica-nos o caminho evolutivo que teremos de percorrer, se quisermos alcançar a finalidade que temos em vista. Mas, se por ambição, ou por qualquer outro sentimento de egoísmo e domínio, nos afastarmos da lei, para alcançar um ponto, além do que nos está determinado, seremos indubitavelmente vítimas de uma advertência, que breve nos fará sentir a necessidade de nos limitarmos ao âmbito que a natureza nos traçou.

A Lei Natural rege, com inimitável sabedoria, o equilíbrio dos mundos e a harmonia de tudo o que podemos ver e sentir, segundo a percepção que nos foi dada ao reencarnar num planeta adequado ao nosso grau de conhecimento, e esse equilíbrio e harmonia são de tal modo incompreensíveis na sua relação de causa e efeito, que embora tenham sido objectivo dos investigadores, jamais se desvendaram os mistérios impenetráveis que se levantam como larga muralha à passagem da nossa curiosidade insatisfeita.

As gerações sucedem-se umas às outras, e os materiais de investigação acumulados durante séculos e séculos são insuficientes para definir a lei, cujo enunciado vai diferindo de dia para dia, à medida que aumenta o saber humano, sem, contudo, deixar de ser uma em si. Conforme formos subindo, iremos contemplando nas novas facetas desta lei, diferentes de mundo para mundo, de consciência para consciência. Vê-se muito bem que era impossível,

numa única existência, abarcar as origens e alcance da lei natural, bem como das que lhe são subordinadas. Não vemos nós desencarnarem certos irmãos em estado de ignorância, ao lado de outros relativamente instruídos? De onde podemos interferir que todos compreenderão, a seu tempo, porque a seu tempo evoluirão.

O homem de bem, por exemplo, exerce em torno de si uma actividade que é, nem mais nem menos, o efeito do seu próprio desenvolvimento na linha ascencional. Em cada existência, foi destrinchando melhor o bem, que nos aproxima de Deus, do mal produto de invenção e que está, conseqüentemente, fora das leis divinas. Por isso é que a reencarnação é um dos pilares do Espiritismo. Sem ela não poderíamos explicar os fenómenos morais da humanidade. Sem ela ficariam insolúveis certos problemas e faríamos de Deus uma ideia errónea. Mas a reencarnação está provada e nada existe que possa abafar o grito de tão profunda verdade.

Mas nós continuamos a fugir da lei natural. Não admitimos que nos imputem uma falta nem que nos mostrem rumos nesta viagem terrena. E, todavia, lutamos por um mundo melhor, pois a permanente insatisfação em que vivemos é uma prova de que desejamos conquistar o mais alto grau da escada que se apresenta pela nossa frente.

A Lei Natural foi, muito antes de Jesus, difundida por todos quantos nela meditaram. Nas próprias raças atrasadas, incapazes de apreender o mais leve conceito de moral, encontram-se vestígios das leis divinas, o que prova que foram ensinadas em todos os tempos, de harmonia com a inteligência humana; e se a verdade esteve, durante séculos e séculos, encoberta por simbólicas imagens, isto foi devido, certamente, à ignorância daqueles que

estavam habituados à luz mortíça e não podiam, de chofre, encarar um foco brilhante sem risco de cegarem.

Nesta lei é que se baseia a moral que, na nossa ideia simples, é a regra de bem nos conduzirmos na Sociedade. Por instinto sabemos o que é o bem e o que é o mal, visto que nos alegamos ao praticar um acto generoso e nos entristecemos quando, praticando o mal, infringimos, portanto, as leis de Deus.

São as necessidades que regulam com precisão esta lei divina, diferindo, segundo as posições sociais, das condições étnicas da região onde somos chamados a exercer esta função vital. E por isso somos tanto mais responsáveis, quanto maior conhecimento tivermos do bem e do mal.

Devemos, pois, observar a lei divina ou natural, em todas as conjunturas, aliás responderemos pelo mau uso que fizermos dessa liberdade que nos é concedida. Note-se que tanta responsabilidade tem aquele que pratica o mal como aquele que se aproveita dele, quando é feito por outro, e cuja acção é tão grave como se realmente tivéssemos cometido uma acção condenável.

São as leis imutáveis que nos condicionam e às quais nos encontramos ligados, para que progressivamente e por sucessivas transformações, subirmos um a um, todos os degraus desta magnífica escalada evolutiva que, ascendendo para Deus, nos vai aproximando sem cessar da Sua Essência e da Sua Luz.

A Lei da Adoração

A adoração faz parte da Lei Natural e encontra-se plenamente arraigada em todos os povos, quer nos mais atrasados, que se prostram ante feitiços sem valor, quer nos adiantados que

conhecem o proveitoso resultado de uma concentração de espírito, feita com amor.

Foi assim que se sentiu a necessidade de cultivar as potências invisíveis, porque no íntimo de cada um estava latente o sentimento de adoração que a seu tempo exerceria a força oculta, não só reatando laços ignorados, no sentido de fortalecer a solidariedade, como também afirmando inconscientemente a estreita ligação da humanidade com o Deus das Alturas, que, numa prodigiosa manifestação da Sua vontade onipotente, deu a luz ao sol e o aroma às flores...

A sincera adoração nasce da alma e não precisa de manifestações exteriores que, geralmente, representam vãos simulacros. Por isso o Espiritismo é contrário a afectações e aparências, próprias de mentalidades mais ou menos enganadoras que tanto proliferam, mercê da péssima educação daqueles que apegoam um princípio e seguem outro.

Devemos adorar pelo coração, pondo nesse acto toda a nossa vontade e toda a nossa humildade, pois só assim seremos ouvidos e recompensados. A forma não tem o valor da essência, as cerimónias não aumentam o valor da adoração, que tanto pode exercer-se numa cabana humilde como numa mansão deslumbrante. O essencial é que o sentimento não seja aparente, que não haja contradição entre a palavra e os actos e o estado da alma. Simplesmente, a adoração colectiva atrai com mais facilidade, como é fácil de compreender.

Muitos há que abandonam a vida de relação para se dedicarem à vida contemplativa, isolando-se do mundo, das invejas, das violências e dos egoísmos, julgando que assim poderão mais facilmente obter um bom lugar no Além. Mas, perguntamos, não será esta forma de actuar na vida de relação também uma forma de

egoísmo? Não será uma fugida à responsabilidade que nos cabe na vida em Sociedade e nos deveres para com os nossos irmãos? Como estão enganados os que assim procedem, levemente, fugindo ao contacto com o nosso semelhante! A vida isolada é uma vida inútil e o progresso espiritual tem de se fazer em contacto permanente com os nossos irmãos mais carenciados. Só assim aprenderemos a dominar-nos e a reprimir-nos. Sós, não faremos mal nem bem, por isso não devemos apenas evitar o mal: devemos praticar o bem dentro das nossas possibilidades, sempre coerentes com a natureza divina, visto que Deus não punirá somente o mal mas também a falta do bem que deveríamos ter feito, baseados num exclusivismo individual.

Há, felizmente, muitos meios de elevação moral ao nosso alcance. Um deles – e poderosíssimo, por sinal – é a prece ditada com boa intenção, tanto por nós como pelos outros. Mas, não aquela prece bonita e d'elegante forma literária, melodiosa, mas sim aquela prece sentida, que brota do nosso âmago, abençoada pela nossa humildade e que procura atingir Deus numa ânsia de aperfeiçoamento.

A prece é um seguro veículo da protecção divina. Nunca uma prece sincera deixou de ser ouvida com amor, nunca o socorro nela sentido deixou de cair sobre um aflito, quando ele soube pedir com submissão, tentando expulsar de si todos os pensamentos de ódio e de violência.

Não é só pedir, descurando a obrigação imperiosa de nos modificarmos por todas as maneiras possíveis. Devemos ser reconhecidos, sem o que não obteremos o perdão de nossas faltas. Se a nossa pretensão dependesse só de palavras, mais conseguiria quem soubesse pedir e as acções perderiam todo o seu valor. O exemplo em actos, são a prece mais eficaz e decisiva que vale por

todas as fórmulas, ainda que sejam as mais sugestivas e elevadas. É mais agradável a Deus uma vida dedicada ao trabalho e à caridade do que as preces espalhafatosas de alguns, que julgam que dessa forma serão mais ouvidos.

É claro que as nossas preces nunca devem tender a desviar o curso das provações que nos estiverem reservadas. Isso equivaleria a desertar do posto que escolhemos na batalha da vida. Coragem é que devemos pedir, coragem e resignação para suportar as amarguras, as penas que caírem sobre nós. Porque é através do sofrimento que pouco a pouco vamos atingindo a perfeição, criando forças para a renovação que os bons espíritos nos ajudam a alcançar a ouvindo a sua voz abençoada.

A prece pelos mortos é tão benéfica como a que se fizer pelos vivos. Ela não vai alterar, necessariamente, a aplicação da justiça; todavia, e é bom não esquecer, ela aliviará, sem dúvida, o sofrimento de um Espírito, quando este souber que uma alma simpática e amiga pensou nele.

A adoração dos deuses, no politeísmo, nasceu de uma crença errada dos povos, no poder sobrenatural do desconhecido. Ignorantes dos fenómenos naturais, os quais têm lugar dentro das leis positivas, nas mínimas coisas julgavam existir uma força maravilhosa e, daí, a multiplicação das potências ocultas e invisíveis a que prestavam culto. Daí surgiu a mitologia, onde a imaginação fantástica do homem deu largas ao seu sonho de criar, e, assim, a adoração generalizou-se, a ponto de abarcar todos os povos orientais, inventando-se deuses, santos, e, quando algum mortal se evidenciava por faculdades incompreensíveis, transformavam-no em um deus, num ídolo, etc..

Foi necessário que o Cristianismo viesse esclarecer o mundo, à cerca de um Deus único, para assim se dismantelar o paganismo e os homens adorassem o Senhor Omnipotente que criou e dirige todo o mecanismo universal.

Os sacrifícios materiais em que abundavam os antigos demonstravam, simplesmente, o pouco desenvolvimento do senso moral desses nossos antepassados. Temos, como exemplo, a Inquisição, que em seus holocaustos procurava atrair o poder de Deus, numa imperfeita compreensão de justiça, já que Deus misericordioso não exige sacrifícios cruéis, reprovando tais actos, por vezes devidos à incompreensão dos homens menos esclarecidos.

Portanto, há que difundir o bem por toda a parte, ajudando os fracos e ensinando os ignorantes. Desta forma, adoraremos o Pai, que nos enche de dádivas preciosas. Sejamos simples e bons, afastando do nosso coração todas as exteriorizações que impeçam o espírito de exercer a sua actividade em favor dos que necessitam de apoio moral. É nisto que se resume a lei de adoração, que devemos sempre observar nos nossos actos e nos nossos pensamentos.

Lei de Sociedade

É esta uma das leis que, presentemente, mais se nos impõe, pois é a partir do convívio que se consegue o auxílio mútuo e só deste modo atingiremos o bem-estar que desejamos. Um esforço isolado está muito longe de produzir os efeitos de um esforço colectivo. É na junção das múltiplas energias, dos diversos ideais e opiniões que resultam as grandes obras, embora sempre susceptíveis de aperfeiçoamento. As realidades actuais não teriam existência se não houvesse esforço conjunto do engenho humano.

O progresso só pode vir do trabalho comum: e se nós, levados por sentimentos de egoísmo, nos isolássemos inteiramente do nosso semelhante, em breve sentiríamos o vácuo à nossa volta, sendo levados a convencer-nos de que é em contacto uns com os outros, que o nosso dia a dia tem de exercer-se.

A lei de Sociedade é, portanto, uma modalidade da lei natural que serve de base à nossa existência, pois é lógico que vivamos em conjunto, não porque seja um hábito vindo de longe mas porque Deus assim o determinou, para que a nossa missão se cumpra.

Há necessidade de convívio, de intercâmbio, de auxílio mútuo. De contrário, teríamos de pensar: para que temos o dom da palavra, senão para transmitirmos os nossos desejos, os nossos afectos, as nossas amarguras? Para que temos a inteligência e o raciocínio, que nos levam ao conhecimento do bem e do mal? Se devêssemos viver isolados, não teríamos ocasião de fazer nem bem nem mal: seríamos uma máquina orgânica, destinada exclusivamente a um fim físico, desprovida de outras potencialidades que lhe dão, em verdade, o cunho próprio, a razão, por assim dizer, da existência.

Além disso, temos de adquirir conhecimentos, temos de evoluir e só em presença de criaturas mais evoluídas nos será dado aprender. O progresso humano deve fazer-se em comum.

Há, contudo, certas obras que requerem isolamento, sendo altamente benéficas, visto delas aproveitar a Sociedade. É este o único isolamento compreendido nas leis morais. O silêncio não deixa de ter, porém, a sua utilidade. Predispõe à concentração do espírito, ao recolhimento – o que, por si só, já representa alguma coisa. É nesse estado de alma que se architectam, por vezes, planos

necessários à nossa existência. A meditação é necessária; ela conduz-nos à ciência do que nos cerca, ao conhecimento do que é imprescindível. Por ela, entramos em comunicação com o invisível, com essa multidão de seres conscientes que nos animam e observam do Alto. Libertamo-nos, momentaneamente, da vida material. Mas, disto ao voto de silêncio ou de isolamento vai, de certo modo, um grande abismo.

Se nos deixássemos emparedar, voluntariamente, nunca poderíamos traduzir as leis que se concebem, deixando de ser um elemento de progresso.

Além disso, ainda há os laços de família, residentes no mais íntimo do nosso ser. É esta atracção ainda um argumento que justifica a lei natural e pode estender-se a todos os seres vivos que obedecem à tendência de formar círculos afectivos, dentro dos quais vivemos em sociedade.

Os laços sociais são, portanto, necessários à nossa evolução espiritual e moral.

O contacto com os nossos iguais leva-nos a progredir incessantemente, aprendendo a amar e a recalcar no âmago, os sentimentos que nos inferiorizam. Aprendemos a ser bondosos e fraternais na luta contra o egoísmo próprio, benevolentes e caridosos e é, no exercício destas qualidades, que achamos uma fonte inesgotável de felicidade. Aprendemos a dominar os ímpetos da matéria, a lutar contra a violência, numa palavra, aprendemos o caminho de Cristo que nos conduz ao Reino de Deus.

A Lei de Sociedade está escrita no coração e na inteligência. Temos necessidade de amar e de nos instruir. Para isso, buscamos os aglomerados humanos, os grandes centros populacionais ou as

aldeias, segundo o nosso ser individual, os nossos sentimentos e a nossa vontade.

Além disso, há constrangimentos que nos levam a permanecer em determinados sítios. A falta de meios nos obriga, por vezes, a não ficar onde era o nosso desejo de empregar a nossa actividade.

As penas de isolamento são contrárias à natureza humana. Isolar uma criatura cheia de vida como castigo, nada remedeia e a nada conduz sob o ponto de vista moral. Devemos, sim, fornecer-lhes um modo de saldar a sua dívida em aberto.

Estudando, praticando e exemplificando a Doutrina Espírita, verificamos que ela nos integra no seu papel especial de convivência, oferecendo-nos meios e dados para nos orientarmos durante a nossa estadia neste planeta. Esforcemo-nos por aumentar o progresso moral e espiritual, tanto o nosso como o do nosso semelhante. Desta vivência depende a nossa felicidade e a da Sociedade em que vivermos.

Lei de Justiça, Amor e Caridade

A lei de justiça está indelevelmente, gravada na nossa consciência; não é necessária grande cultura para distinguir o que é justo do que é injusto.

A justiça está integrada na lei humana e na lei natural. Se assim não fosse, isto é, se nós não a sentíssemos dentro da alma, não poderíamos organizar códigos que estabelecessem, de certo modo, os deveres, os direitos de cada um, sempre oscilantes, sempre variáveis de geração em geração, em virtude do progresso contínuo do mundo.

Os direitos naturais são os mais sagrados de todos os direitos. As palavras do Cristo: *Fazei aos outros o que quereis que vos façam*, são a regra da perfeita justiça. O direito pessoal não deve prevalecer sobre o direito do nosso próximo; antes, deve ser tomado como base neste. Nisto se encerra a superioridade do Cristianismo e nada como a nossa consciência para avaliar a causa, nestas circunstâncias.

Do ponto de vista espírita, só há uma propriedade legítima. É a que foi obtida naturalmente, sem prejuízo de quem quer que fosse. E a que não fez correr lágrimas nem originou discórdias, nem estimulou inimizades.

Ligados à lei de justiça estão o amor e a caridade. Um amor sincero por tudo o que nos cerca, que encerre indulgência e bondade, que seja feito de desinteresse e renúncia, um amor que estenda seus benefícios sobre o casebre do pobre, onde há fome; que ao encarcerado dê o alívio através de uma palavra amiga, assim como ao enfermo, protegendo-o do seu sofrimento, um amor que seja forte esteio no caminho a percorrer, um amor que não humilhe, será o melhor veículo da caridade. *Amai-vos uns aos outros*, disse Jesus. Não pode ter mais belo complemento a lei da justiça.

Somos obreiros da mesma seara, cada qual com a sua função específica e determinada, mas solidários entre si e num equilíbrio perfeito para que a obra continue forte, sadia e perfeita no seu conjunto.

Sobre a caridade muito havia também a dizer, tão mal compreendida por vezes tem sido em todos os tempos.

A caridade, tal como a ensina o Espiritismo, não preconiza a esmola, que humilha quase sempre quem a recebe. A verdadeira caridade opera a ocultas, como uma sombra que se esvai. Ela procura os locais onde deverá exercer a sua tarefa de amor pelo próximo e de esclarecimento de nosso semelhante.

O amor e a caridade unem-se como um todo, penetram em nosso ser, em nossa consciência.

Temos de amar sem reservas, sem ideias preconcebidas. A lei do amor atrai todos os seres organizados. Sem amor não haverá sentimento de justiça e o mundo seria um caos.

O espírito, reencarnado ou não, está sempre ligado a todos os nossos actos, inculcando-nos o sentimento da justiça, quer seja a favor do nosso superior ou do nosso inferior. Ele está entre nós, vigilante e atento.

O Espiritismo está desempenhando a sua missão, dirigida pelo Alto, de forma a que a Sociedade se modifique para melhor, iniciada nos são princípios que dimanam de suas leis morais. O seu ensino é para todos quantos queiram ascender em sua caminhada evolutiva, tendente a implantar na Terra o Reino de Deus, pela prática da caridade e o culto da justiça e pelo amor ao nosso semelhante, sem o que a vida humana será uma etapa inútil no ciclo de existências a percorrer.

O Espiritismo segue, assim, consciente do seu papel, esperançado na regeneração do mundo, insensível a ataques e alheio a lutas inconscientes.

Trabalhem cada vez mais no aperfeiçoamento humano, esforçando-nos por aumentar o progresso moral e espiritual, pois

dele depende toda a felicidade que nos seja dado viver, acudindo ao apelo que sai do íntimo de nossas almas. E quanto melhor for o nosso trabalho, mais avançaremos em aperfeiçoamentos contínuos, mais nos aproximaremos do modelo cristão que é necessário imitar sempre, sem demoras nem desfalecimentos.

MARIA RAQUEL DUARTE SANTOS

(Palestra proferida pela nossa Irmã - à época Presidente da Federação Espírita Portuguesa -, na Associação 'Luz no Caminho', de Braga, em 30 de Março de 1983, a quando da sua primeira visita àquela Associação, "prestando desta forma singela homenagem a todos aqueles que, há perto de um século, difundiram no nosso País a Doutrina Espírita").

PROCURA TEMPO...

Procura tempo para pensar...

É a Fonte do Poder.

Procura tempo para ler...

É a Fonte da Inteligência.

Procura tempo para orar...

É a maior Força sobre a Terra.

Procura tempo para amar e ser amado...

É o privilégio que Deus concede a cada um.

Procura tempo para Servir...

É o caminho da Bondade.
Procura tempo para rir...
É a música do Espírito.
Procura tempo para dar...
Um dia é demasiado curto para ser egoísta.
Procura tempo para trabalhar...
É o preço do Sucesso!

SUE MYUNG MOON

(In: Estudos Psíquicos, Maio/Junho de 1983).

*

O CALVÁRIO

Ao alto dum cerro íngreme, escaldado e pardo
Adonde só viceja – e desoladamente –
A rama da carrasca e a folha hostil do cardo;

Revelação abruta e trágica, e obumbrante,
Em cuja penedia, aspérrima e mordente,
Jamais se viu e ouviu que um passarinho cante;

Que só escalá-la alguém – curvado, exausto arfando –

Sob os mal firmes pés se desagrega a terra
E soltas, para o fundo, as pedras vão rolando...

Ao cimo de inimiga e desafiante crista
Que, quanta mais luz tem, mais dá sinistra guerra,
Mais apavora todo o coração e a vista...

Está pregado ao vil suplício duma cruz
- sob o céu mudo e longe... e sob o sol jucundo...
O que ensinava o bem, perdoando o mal – Jesus,
O doce e novo Deus do amargo e velho mundo!

Jesus inclina a merencória fronte.
Rasgam-lhe os cravos as benignas mãos.
E olham-no e riem no sopé do monte,
Os príncipes da lei com os anciãos.
Estrugem vaias, irrisões do povo,
Que da cidade, em festa, passa ali:
- Porque não fazes um milagre novo?...
Arranca-te da cruz! Desce daí!...

Proclama e mostra assim que és o Messias,
E todos nós te adoraremos já.
És tu rei dos judeus, como dizias?...
Aí tens um trono, que bem alto está!...
E Jesus Cristo, numa voz ungente,
Paga as blasfémias torpes que lhe trazem,
Intercedendo a Deus piedosamente!...
- Perdoa-lhes que não sabem o que fazem...

AUGUSTO GIL

MAIS UMA PÁSCOA...

O autor do poema acima é o mesmo que escreveu “Batem leve, levemente...” numa composição completamente diferente, mas que comprova o quão grande ele foi! E neste “Calvário” de todos os dias – que é a Vida que vamos/fomos criando, cada um de nós para si próprio, este ‘Calvário’ – poema -, é ainda uma lembrança daquela Páscoa em que todos nós, criminosos de longas reencarnações, condenámos um Justo à morte! Será que já percebemos a extensão do nosso crime ou vamos vivendo anualmente esta data, dando os ombros e justificando o acto de então com um “Tinha que ser! Estava escrito!..?”

Embora vejamos na Páscoa a confirmação do Divino Amigo de que “a morte não existe” – porque Ele apareceu aos Apóstolos depois de todos o considerarem morto, não gostamos da Páscoa pela comemoração de um crime que continua a ser de todos nós – crime para com Alguém que apenas veio à Terra para nos dar Amor – esse sentimento maravilhoso que, ainda hoje, mais de vinte séculos passados, continuamos a não saber vivenciar como Ele o demonstrou !

A Páscoa – e o Calvário – lembram-nos ainda o pedido de Dimas, o bom ladrão, para Jesus, e a resposta do Divino Amigo para ele, que no seu pedido mostra o arrependimento sentido:

- Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso!

Lembrando, conforme a Bíblia nos descreve, que Jesus não ascendeu aos Céus de imediato; recordando, ainda, o Seu próprio ensinamento, quando afirmou que “Tudo tem de ser pago até ao

último ceitel”, a resposta do Divino Amigo levanta-nos aquelas dúvidas que só uma análise mais profunda consegue esclarecer:

Jesus não afirma que Dimas irá de imediato para o Paraíso, mas que estará com Ele, um dia. Aquele “hoje” que Ele usou pode ser interpretado de várias maneiras e, uma delas será com certeza a do “hoje – momento em que lhe responde –” porque, há sempre leis a cumprir e “Eu não vim para destruir a Lei mas para dar-lhe cumprimento...”.

Há a lei da Reencarnação, que nos acena com a conquista que faremos, um dia; há a Lei de Causa e Efeito”, que nos diz que temos de reparar tudo o que fizemos de errado... e, conforme ouvimos uma vez a Divaldo, médium e orador brasileiro, há a lei gramatical e a pontuação mal feita.

Segundo este orador, os dois pontos deveriam ter sido colocados à frente da palavra “hoje”, mas um tradutor distraído colocou-os de maneira a deturpar o significado das palavras. Então, a frase, bem escrita e traduzida, seria:

- Em verdade te digo, hoje: estarás comigo no Paraíso!

Sem tempo marcado, como o diria a qualquer um de nós, dependendo unicamente do tempo que Dimas levasse a conquistar a perfeição para que o Senhor o criou!

Reencarnação... Causa e Efeito... Lei de Deus, aquela que desde o princípio nos incita a “amar o próximo como a nós mesmos!”, e tantas vezes esquecida no comportamento que uns e outros vamos tendo (tomando), no egoísmo que se continua a sentir e a vivenciar...

“Essa chaga da humanidade”, como o Espírito Emmanuel lhe chama no capítulo XI de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, continua ainda a escravizar-nos e, tal como o orgulho de que tantos damos provas, não nos solta, apesar do muito que uns e outros intentamos para deles nos libertarmos.

Queremos seguir a Jesus, queremos imitar Jesus nos exemplos que nos deu, nos ensinamentos que nos deixou, mas continuamos a não nos libertarmos dos nossos pés de barro, que nos incomodam mas não conseguimos trocar por uns outros mais perfeitos!

... E falamos de ‘reforma íntima’... e olhamos os outros, esperando encontrar neles algo de melhor do que nós somos, para imitarmos e seguirmos bons exemplos, mas quando o momento chega e o podemos, realmente, fazer, apodera-se de nós uma inércia que nos obriga a “deixar para amanhã” aquilo que é premente para cada um: a nossa melhoria, aquela que nos ajudará a vencer mais um degrau nessa escada imensa que nos levará para o Alto, e continuamos a reconhecer-nos imperfeitos... e o Tempo corre, passa, dias somam semanas, meses, anos... reencarnações!, e vamos caindo nos mesmos erros e nas mesmas atitudes!

Deus não se cansa de nós! Que seria de cada um se Deus um dia, numa qualquer reencarnação que nos vai continuando a conceder se cansasse, na continuidade repetida dos nossos erros e parasse de nos dar oportunidades de repararmos o que temos feito de errado e de aprendermos um pouco mais?

Há dois versos, numa cantiga cremos que portuguesa que afirma que

... por morrer uma andorinha

Não acaba a Primavera!,

E se cada um de nós, um dia, acordasse para analisar aquilo que é, que continua a ser, e na maneira como “estacionaria” se Deus se cansasse dos nossos erros e se resolvesse “a olhar para o lado” quando O invocássemos... onde ficaríamos? Que lugar seria o nosso, nesta estrada que fomos construindo e palmilhando, sem a preocupação de a melhorarmos por sabermos que o Senhor nos ampara sempre?

A ingratidão é a nossa companhia constante, porque cada um não deixa de ser um filho ingrato que vai pedindo (exigindo) sempre mais mas que não se dispõe a dar um bocadinho de si, em troca do muito que recebe!... e mesmo quando excepcionalmente paramos para dizer “obrigada!”, logo a seguir pedimos mais e mais, como se aquele agradecimento mínimo não passasse, para nós, apenas de uma moeda de troca, com que intentamos comprar e enganar o Senhor, que nos criou e nos continua a amar como seus filhos que somos!

Se Ele agisse connosco como nós – pais terrenos – agimos com os seres que Ele nos entrega como filhos, para que os eduquemos e preparemos para mais uma vivência terrena, talvez nos aplicássemos mais nesta “disciplina” que se chama ‘vida terrena’, lamentando-nos menos pelo que sofremos mas procurando minorar as nossas criações e responsabilidades nesse mesmo sofrimento. No nosso “faz de conta que não sabemos” vamos acusando a Deus das dores e de tudo o que de errado nos acontece, esquecidos totalmente do ensinamento de Jesus, quando nos afirmou que (...) *o Pai ama-nos de tal maneira que faz que o sol brilhe sobre bons e maus, e faz chover sobre justos e injustos* (Mt., 5:20...). Deus ama-nos! Jesus, ama-nos igualmente e, tal como o disse para Dimas, também nos aguarda a nós, um dia, no Paraíso...

enquanto cada um, sem se libertar mais afincadamente da imperfeição que ainda demonstra ser, e ter, vamos trilhando os mesmos caminhos, quando não buscamos, nos atalhos que os ladeiam, a facilidade de estar, a nosso gosto, bem maior ainda!

Que as palavras do Divino Amigo, há mais de vinte séculos atrás, ditas para um criminoso, estejam mais presentes em cada um de nós para que com uma brevidade maior troquemos o nosso inferno – criado por nós para o vivermos aqui na Terra, em função do nosso comportamento errado – por aquele Paraíso com que Ele nos acena, mas que temos de conquistar por nós próprios, procurando o caminho que leva à porta estreita e pondo, definitivamente de parte, o da porta larga que tanto nos tem prejudicado em todas as encarnações que o Pai já nos concedeu!

MANUELA VASCONCELOS

CONTRASTE

Maré viva, água do mar,
Impulso da Natureza,
Grito de Alma que reza
Para não mais se afogar!
Na cor da água sem cor
Há uma luz reflectida
Que movimenta e dá vida
E em tudo mostra o Amor...
E a onda forte que rola
Desde a distância infinita,
Toma uma forma bonita
Enquanto rug e arrola,

E a quebrar-se na areia
Em espuma branca, salgada,
É de novo Alma lavada
De quem Deus se amereceia!

Maré viva, água do mar,
No seu constante mover,
Somos nós a reencarnar
Num corpo que vai viver
Para sentir e chorar...
Num corpo que vai morrer
Para a Alma libertar!
... Maré viva, água do mar,
És minha Alma a chorar!

MANUELA